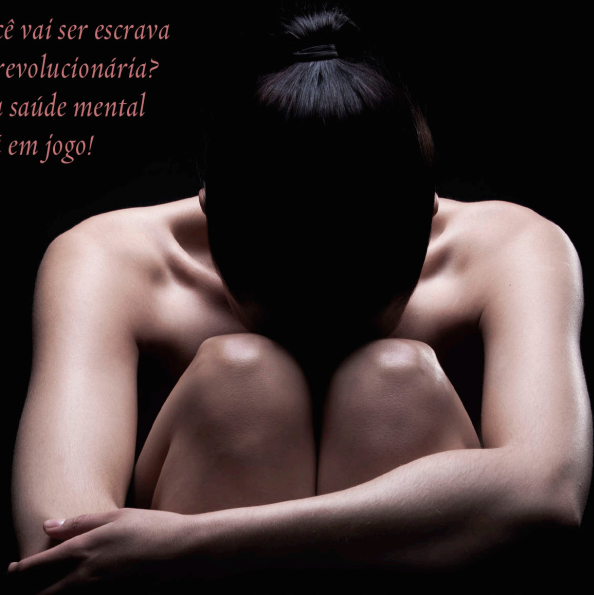


A ditadura da beleza *e a revolução das mulheres*

*Você vai ser escrava
ou revolucionária?
Sua saúde mental
está em jogo!*



AUGUSTO CURY

O PSIQUIATRA MAIS LIDO DO MUNDO NA ATUALIDADE

DEDICATÓRIA

Dedico este livro a você, _____.

Com ele, desejo que você descubra que cada ser humano possui uma beleza física e psíquica original e particular.

Que aprenda diariamente a ter um caso de amor
com a pessoa bela que você é,
que desenvolva um romance com a sua própria história.

Não se compare a ninguém, pois cada um
de nós é um personagem único no teatro da vida.

_____ _/ _/ _

PREFÁCIO À NOVA EDIÇÃO

Ao longo da história da humanidade, ninguém sofreu tanto preconceito, foi tão asfixiado em seus direitos e sofreu ataques tão cruéis quanto as mulheres. Em diversas civilizações, elas eram apedrejadas em praça pública quando se desviavam dos comportamentos esperados pelos homens. Mas que parâmetros esses homens usavam? O ódio, o preconceito voraz e o instinto animalesco. Em outras civilizações, elas eram queimadas, consideradas indignas de existir.

Estatisticamente, as mulheres adoecem mais do que os homens. Seria porque são um sexo frágil? Não, porque são poderosas emocionalmente! Elas costumam se doar muito mais para o parceiro, para os filhos, para os pais e para a sociedade. E todo soldado no front é mais facilmente alvejado.

Há décadas tenho denunciado as atrocidades cometidas contra as mulheres. Discorri sobre isso em diversos livros, no cinema e em quatro peças teatrais que foram adaptadas das minhas obras. E com toda a carga volto a discutir esse importantíssimo assunto nesta nova edição de *A ditadura da beleza e a revolução das mulheres*.

No século passado, tentando saldar sua dívida impagável, o sistema machista e autoritário deu às mulheres o direito de votar, estudar e trabalhar. E elas rapidamente foram muito longe e ocuparam todos os espaços. Tudo parecia um céu azul, mas logo a tempestade voltou. O sistema deu com uma mão e tirou com a outra, criando um padrão estético impossível e tirânico, usando modelos magérrimas,

esquálidas e muitas vezes desnutridas como referência de beleza. E as consequências desse uso ultrajante e inumano da imagem feminina foi devastador. Hoje, cerca de 70 milhões de pessoas sofrem de transtornos alimentares, como anorexia, bulimia e vigorexia (quando alguém malha exageradamente e/ou usa anabolizantes para ter um corpo “perfeito”) – a maioria mulheres jovens.

Minha área de pesquisa se concentra no fenômeno inconsciente chamado Registro Automático da Memória. Nesse contexto, ele registra a imagem das modelos no solo da memória, gerando no inconsciente coletivo um transtorno emocional que eu chamo de Síndrome PIB – Padrão Inatingível de Beleza. A PIB produz sintomas dramáticos, como autopunição, autcobrança, sentimento de abandono, humor depressivo, baixa autoestima e destruição da autoimagem.

Que neste romance psiquiátrico você possa se emocionar e se conscientizar de que a beleza é seu patrimônio, de que padrões estéticos são cruéis e manipuladores, de que toda pessoa é bela à sua maneira.

Cada mulher deveria se sentir segura para olhar nos olhos de seu parceiro e dizer “Eu sou linda, inteligente, maravilhosa e encantadora! Você é um privilegiado de viver comigo!”

É tempo de derrubar a ditadura da beleza e ser livre...

Eu não me curvaria diante de reis, políticos e celebridades, mas me curvo humildemente diante de todas as mulheres do mundo. Em especial diante daquelas que estão à minha volta, que trabalham comigo, e também da minha esposa, minhas três filhas e minha querida mãe.

Sem as mulheres, nosso céu social não teria estrelas, nossa mente não teria criatividade e nossa história não teria aventuras.

Um beijo no coração,
Augusto Cury
Janeiro de 2024

APRESENTAÇÃO

Durante mais de três décadas tenho investigado como psiquiatra e pesquisador da psicologia a última fronteira da ciência: o mundo onde se constroem os pensamentos e são geradas a inteligência e a consciência. E, apesar de ser considerado um autor de sucesso e de ter meus livros publicados em dezenas de países, não me sinto um profissional realizado, pois tenho enxergado um massacre emocional nas sociedades modernas que vem me tirando o sono e perturbando minha tranquilidade.

Por pesquisar a mente humana e tratá-la, tenho denunciado esse massacre sutil e sórdido em congressos nacionais e internacionais. Agora chegou a vez de escrever sobre ele. Preferi escrever em forma de ficção em vez de produzir um texto de divulgação científica, pois sinto necessidade de recriar imagens inesquecíveis que estão na minha mente. Imagens de pessoas que dilaceraram seu prazer de viver e sua liberdade.

Cada capítulo é um grito que ecoa da minha alma. Usei dados reais na construção deste romance. Através de emoções intensas e de aventuras excitantes, meu objetivo é dissecar um câncer social que tem feito literalmente centenas de milhões de seres humanos infelizes e frustrados – em especial mulheres e adolescentes.

Vivemos aparentemente na era do respeito aos direitos humanos, mas, por desconhecermos o teatro da nossa mente, não percebemos que jamais esses direitos foram tão violados nas sociedades democráticas. Estou falando de uma terrível ditadura

que oprime e destrói a autoestima do ser humano: a ditadura da beleza. Apesar de serem mais gentis, altruístas, solidárias e tolerantes do que os homens, as mulheres têm sido o alvo preferencial dessa dramática ditadura. Milhões de mulheres sentem-se escravas dessa masmorra psíquica. É a maior tirania de todos os tempos e uma das mais devastadoras da saúde psíquica.

O padrão inatingível de beleza amplamente difundido na TV, nas revistas, no cinema, nos desfiles, nos comerciais, penetrou no inconsciente coletivo das pessoas e as aprisionou no único lugar em que não é admissível ser prisioneiro: dentro de si mesmas.

Tenho bem nítida na mente a imagem de jovens modelos que, apesar de supervalorizadas, odiavam seu corpo e pensavam em desistir da vida. Recordo-me de pessoas brilhantes e de grande qualidade humana que não queriam frequentar lugares públicos, pois se sentiam excluídas e rejeitadas por causa da anatomia do seu corpo.

Recordo-me dos portadores de anorexia nervosa que tratei. Embora magérrimos, reduzidos a pele e ossos, controlavam os alimentos que ingeriam para não “engordar”. Como não ficar perplexo ao descobrir que há dezenas de milhões de pessoas nas sociedades abastadas que, apesar de terem uma mesa farta, estão morrendo de fome, pois bloquearam o apetite devido à intensa rejeição por sua autoimagem?

Essa ditadura assassina a autoestima, asfixia o prazer de viver, produz uma guerra com o espelho e gera uma autorrejeição profunda. Inúmeras jovens japonesas repudiam seus traços orientais. Muitas mulheres chinesas desejam a silhueta das mulheres ocidentais. Por sua vez, mulheres ocidentais querem ter a beleza incomum e o corpo magríssimo das adolescentes das passarelas, que frequentemente são desnutridas e infelizes com a própria imagem. Mais de 98% das mulheres não se veem belas. Isso não é uma loucura? Vivemos uma paranoia coletiva.

Os homens controlaram e feriram as mulheres em quase todas as sociedades. Considerados o sexo forte, são na verdade seres frágeis, pois só os frágeis controlam e agriem os outros. Eles produziram uma sociedade de consumo que usa o corpo da mulher, e não sua inteligência, para divulgar seus produtos e serviços, gerando um consumismo erótico. Esse sistema não tem por objetivo produzir pessoas resolvidas, saudáveis e felizes; a ele interessam as insatisfeitas consigo mesmas, pois quanto mais ansiosas, mais consumistas se tornam.

Até crianças e adolescentes são vítimas dessa ditadura. Com vergonha de sua imagem, angustiados, consomem cada vez mais produtos em busca de fagulhas superficiais de prazer. A cada segundo destrói-se a infância de uma criança no mundo e se assassinam os sonhos de um adolescente. Desejo que muitos deles possam ler esta obra para poderem escapar da armadilha em que, inconscientemente, correm o risco de ficar aprisionados.

Qualquer imposição de um padrão de beleza estereotipado para alicerçar a autoestima e o prazer diante da autoimagem produz um desastre no inconsciente, um grave adoecimento emocional. Autoestima é um estado de espírito, um oásis que deve ser procurado no território da emoção. Cada mulher, homem, criança e adolescente deveria ter um caso de amor consigo mesmo, um romance com a própria vida, pois todos possuem uma beleza física e psíquica particular e única.

Essa frase não é um jargão literário pré-fabricado, mas uma necessidade psiquiátrica e psicológica vital, pois sem autoestima os intelectuais se tornam estéreis, as celebridades perdem o brilho, os anônimos ficam invisíveis, os homens transformam-se em miseráveis, as mulheres não têm saúde psíquica, os jovens esfecam o encanto pela existência.

Em breve encerraremos nossa vida no pequeno “parêntese” do tempo que nos cabe. Que tipo de marcas transformadoras

vamos imprimir no mundo em que vivemos? Precisamos deixar ao menos a certeza de que não fomos escravos do sistema social, de que vivemos uma existência digna e saudável, lutando contra uma cultura que se tornou uma fábrica de pessoas doentes e insatisfeitas.

É necessário fazer uma revolução inteligente e serena contra essa dramática ditadura. Os homens, embora também vítimas dela, são inseguros para realizá-la. Essa batalha depende sobretudo das mulheres. Neste romance, apoiadas por dois fascinantes pensadores, um psiquiatra e um filósofo, elas empreendem a maior revolução da História. Porém pagam um preço altíssimo, pois têm que enfrentar predadores implacáveis.

Para fazer essa revolução internacional saturada de aventuras, lágrimas e alegrias, elas se inspiram no homem que mais defendeu as mulheres em todos os tempos: Jesus Cristo. Descobrem que o Mestre dos Mestres correu dramáticos riscos por elas. Ficam fascinadas ao saber que ele teve a coragem de fazer das prostitutas seres humanos da mais alta dignidade, e das desprezadas, princesas.

Augusto Cury
Outubro de 2005

CAPÍTULO 1

A belíssima Sarah saiu cambaleante do seu quarto e entrou subitamente na ampla sala do apartamento. Seus cabelos longos e encaracolados estavam revoltos; os olhos, fundos; a pele, pálida; e a respiração, ofegante. A modelo estava quase irreconhecível. Ao vê-la, Elizabeth, sua mãe, assustou-se. Assombrada, deixou cair a revista das mãos e soltou um grito.

– Sarah! O que aconteceu, minha filha? – Havia um tom de desespero em sua voz.

– Nunca mais perturbarei você. – A voz saiu frágil e pastosa, enquanto a jovem desfalecia nos braços da mãe.

– Sarah! Sarah! Fale comigo! – clamava Elizabeth com o coração palpitando, um nó na garganta e o semblante tenso. Tentou acordar a filha do sono profundo do qual parecia não haver retorno.

Elizabeth colocou Sarah sobre o sofá. Pegou o celular, mas seus dedos trêmulos mal conseguiam digitar os números. A angústia roubara-lhe a coordenação motora. Uma simples tarefa parecia impossível.

Momentos depois, a ambulância chegou. Ao ver o médico e os enfermeiros, Elizabeth bradou:

– Salvem minha filha! – As lágrimas molharam todo o seu rosto. Chorando, ela repetia: – Não a deixem morrer. Por favor, não a deixem morrer...

O médico rapidamente auscultou o coração da moça. Des-

compassado, ele ainda batia. A ambulância seguiu célere para o hospital. Alguns momentos podem determinar os capítulos mais importantes de uma vida. Aqueles minutos tiveram um sabor eterno. O trajeto, que era curto, parecia interminável. O som da sirene, que sempre fora apenas desconfortável, agora agredia os ouvidos de Elizabeth. Ela queria acordar do pesadelo, mas a realidade era crua e angustiante.



No dia seguinte a neve caía suavemente, pousando sobre os galhos das árvores, substituindo as folhas como flocos de algodão, produzindo uma paisagem fascinante. O psiquiatra Marco Polo contemplava a paisagem branquíssima pela vidraça, quando sua secretária veio lhe comunicar que uma mãe, em prantos, desejava falar-lhe. Sempre sensível diante da dor, ele se levantou, foi até a sala de espera, cumprimentou gentilmente a mulher desesperada e pediu-lhe que entrasse.

Elizabeth sentou-se diante dele, olhou-o intensamente, mas estava paralisada e não conseguia pronunciar qualquer palavra. As palavras, porém, eram dispensáveis, pois os músculos contraídos da face acusavam sua angústia, e as lágrimas que desciam pelo rosto, abrindo sulcos na maquiagem, revelavam sua dor. Para Marco Polo, o templo do silêncio era o ambiente mais eloquente para expressar a força dos sentimentos. Por isso, ofereceu-lhe um lenço e também o seu silêncio. O lenço, para que ela enxugasse os olhos, e o silêncio, para permitir-lhe penetrar nas vielas da sua personalidade numa tentativa de enxergar o invisível, o essencial.

Momentos depois, Elizabeth proferiu as primeiras palavras com a voz trêmula:

– Minha filha, Sarah, de 16 anos, tentou desistir da vida. Está internada num hospital. Estou chocada! – falou como se enfren-

tasse o mais angustiante terremoto emocional. Abalada, continuou: – Não entendo o gesto dela. Dei tudo para essa menina. Ela foi tratada como uma princesa, mas nada a satisfaz. Ela se traiu e me traiu... – Suas palavras revelavam um sentimento que alternava compaixão e raiva pela atitude da filha.

Elizabeth tinha 42 anos e estava separada havia três. A separação dos pais não afetara a relação de Sarah com a mãe, pois o ambiente entre as duas já era péssimo. O pai sempre fora alienado, pouco afetivo, negativista, culpando permanentemente os outros por seus erros. Nunca tivera êxito em seus projetos e frequentemente precisara do dinheiro da esposa para pagar suas contas. Elizabeth suportara o fracasso do marido, mas não a infidelidade. Quando soube que ele a traía, rompeu a relação.

A distante relação de Sarah com o pai contrastava com a borbulhante relação com a mãe, pautada por atritos, discussões e acusações. Em alguns momentos, Sarah ameaçava ir morar com o pai, mas, mesmo vivendo numa praça de guerra, mãe e filha não se abandonavam, não conseguiam ficar longe uma da outra. O apartamento belíssimo e espaçoso era pequeno para conter os conflitos entre elas. Indignada e sofrida, Elizabeth apresentou a Marco Polo os paradoxos entre sua profissão e o mundo da filha.

– Estou triste e perplexa com tudo que está acontecendo. Escrevo reportagens sobre autoestima e felicidade, mas minha filha não tem prazer de viver. Oriento jornalistas que trabalham comigo para valorizar o corpo da mulher, exaltar a beleza e a sensualidade, mas minha filha detesta o próprio corpo, apesar de todos a acharem linda.

Ela fez uma pausa para respirar, e ele, uma pausa para pensar.

– Qual é o seu trabalho, Elizabeth? – perguntou Marco Polo impressionado com o contraste que ela descrevia. Queria entender se o ambiente profissional e social da mãe exercera influência no processo de formação da personalidade da filha.

– Sou gerente editorial da revista *Mulher Moderna*. – A informação veio sem o entusiasmo com que sempre exaltava seu trabalho.

Os olhos de Elizabeth eram verdes; seus cabelos, pretos e longos, suavemente ondulados. Era uma bela mulher e uma executiva de sucesso. Ocupava a gerência editorial de uma das mais importantes revistas para o público feminino dos Estados Unidos, sediada em Nova York. Organizava a pauta, as matérias e estabelecia a linha editorial das reportagens. Coordenava um batalhão de jornalistas, fotógrafos e outros profissionais.

Ganhara muitos prêmios ao longo de sua carreira. Era determinada, criativa, sabia tomar decisões e assumir riscos. Esforçava-se para trabalhar em equipe e motivar pessoas, mas não gostava de ser questionada, tinha tendência a concentrar poder e exercer autoridade. Tinha caráter forte e inteligência brilhante. Sarah era sua única filha. Queria controlá-la e influenciá-la, como fazia com os profissionais da sua equipe, mas não conseguia.

Em seguida, suspirando, Elizabeth continuou a descrever seu inconformismo.

– Sarah está no início da carreira de modelo. Tem uma trajetória magnífica pela frente no mundo da moda. Milhares de garotas desejariam estar no lugar dela. Como pode jogar tudo para o alto? – disse, expressando sua perplexidade. E fez ao psiquiatra a pergunta que fazia a si mesma, tentando achar o fio condutor da crise da filha: – Como é que alguém que foi amada, que teve todos os brinquedos, que não passou por perdas ou privações, uma menina sociável que frequentou festas e se destacou como aluna na escola pode detestar a si mesma e a vida? Eu não compreendo as reações de Sarah.

Elizabeth era uma mulher pragmática, gostava de explicações lógicas, e não conseguia entender o comportamento de Sarah,

ilógico aos seus olhos. Não admitia ter uma filha emocionalmente doente e muito menos ter contribuído para essa doença. Apesar de ser uma executiva brilhante, não sabia olhar para o espelho da própria alma nem velejar para dentro do seu ser, reconhecendo suas falhas e percebendo suas fragilidades.

Para a mãe, o sucesso da filha como modelo coroaria seu sucesso profissional. O fracasso de Sarah colocaria em xeque sua filosofia de vida. Chegava a achar que a jovem simulava alguns comportamentos doentios para que ela, como mãe, girasse em sua órbita. Pensava assim quando observava a filha vivendo momentos alegres e descontraídos com as amigas. Não conseguia acreditar que ela realmente estivesse numa crise depressiva. Porém, a última atitude de Sarah a abalara profundamente, mudando seu pensamento.

– Vocês conseguem penetrar uma no mundo da outra? – perguntou Marco Polo sem meias-palavras, tentando decifrar o código secreto da relação entre mãe e filha.

– Doutor, minha filha é impenetrável. Quando começo a falar algo, ela interrompe minhas palavras dizendo que já sabe. Nenhum conselho tem impacto, nenhuma orientação é bem recebida. Sinto-me uma intrusa, uma chata que invade sua privacidade. Parece que ela tem prazer em me agredir.

– Nenhuma personalidade é impenetrável. Depende da chave que você usa – disse serena e sabiamente o psiquiatra.

Elizabeth reagiu diante dessas palavras:

– É fácil falar de uma pessoa que você não conhece. Se vivesse com minha filha, certamente não suportaria a agressividade dela.

Marco Polo percebeu que Elizabeth não acreditava na possibilidade de grandes mudanças na relação com Sarah. Pelo embate em que as duas viviam, o psiquiatra teve a impressão de que elas se conheciam muito pouco, conheciam no máximo a sala de visitas da personalidade uma da outra. Tinham vivido muitos

anos numa grande proximidade física, respirando o mesmo ar, mas eram duas estranhas dividindo um espaço comum. Diante disso, ele olhou fixamente para os olhos da mulher à sua frente e comentou com segurança:

– Por trás de uma pessoa que fere há sempre uma pessoa ferida. Ninguém agride os outros sem primeiro se autoagredir. Ninguém faz os outros infelizes, se primeiro não for infeliz. – E, provocando a inteligência de Elizabeth, disse: – Pense nisso.

Essas palavras ecoaram dentro dela, deixando-a chocada. A mãe não conseguia entender a linguagem dos comportamentos da filha. Antes de ser modelo, para ganhar um presente, trocar de celular, ter um novo videogame, Sarah tinha crises de ansiedade. Aos gritos, dizia que todos a rejeitavam porque era feia. Elizabeth sempre tratara esses comportamentos como manha e manipulação, mas acabava cedendo. Pela primeira vez, começou a compreender que, por mais que a filha quisesse manipulá-la, seus comportamentos representavam um grito, não por um objeto, mas um pedido de socorro de alguém que sofria e atravessava conflitos. Abalada pelas palavras de Marco Polo, ela repetiu a frase em voz baixa, procurando absorvê-la e entendê-la plenamente:

– “Por trás de uma pessoa que fere há sempre uma pessoa ferida.” – Em seguida, falou: – Mas que trauma ela tem? O que faltou a ela? Onde eu e o pai dela erramos? – O tom expressava toda a sua perturbação.

– Muitos pais se esforçam para dar o mundo a seus filhos, mas se esquecem de dar a si mesmos. Compram roupas belíssimas, pagam as melhores escolas, os cobrem de presentes, mas não dão sua história, não falam de si mesmos com eles, não lhes falam sobre os fracassos, os sucessos, as perdas, os golpes de ousadia, os projetos. Você sabe quais são os sonhos de Sarah? Já perguntou quais são as lágrimas que ela nunca teve coragem de chorar? Já descobriu quais são seus temores e frustrações mais importantes?

Elizabeth ficou sob o impacto das perguntas feitas pelo Dr. Marco Polo. Como a grande maioria dos pais, ela nunca conversara com a filha sobre seus dias mais tristes, nunca perguntara sobre as lágrimas ocultas. Ficou abismada ao se dar conta disso, pois, como jornalista, havia entrevistado inúmeras celebridades, mas nunca formulara essas perguntas vitais à pessoa mais célebre da sua vida – a própria filha. O sucesso de Sarah era tão evidente que a mãe nem mesmo perguntara seriamente se seu grande sonho era mesmo se tornar modelo, ou se ela desejaria trocar a fama, o dinheiro e o status por uma carreira mais simples.

– Sempre pensei que conhecia minha filha, mas agora estou em dúvida. Sinto-me culpada e fracassada como mãe – comentou, como se não pudesse sustentar suas convicções.

– Pais maravilhosos falham tentando acertar. Não tenha medo de entrar em contato com suas falhas, mas tenha cuidado, pois a culpa destrói ou constrói. Se a dose da culpa for pequena, ela nos estimula a refletir ou corrigir as rotas, mas, se for intensa, bloqueia a inteligência e promove a depressão.

Elizabeth respirou um pouco mais aliviada. Ela havia procurado o Dr. Marco Polo por indicação de Júlia, uma das jornalistas da sua equipe, que se tratara com ele. Júlia dissera que ele era instigante, ousado, transparente. A psicoterapia a tinha ajudado a superar suas frequentes crises depressivas, associadas a uma vida pessimista e dependente. Júlia vivia dominada por uma necessidade neurótica de prestígio e aprovação dos outros.

Uma frase inesquecível do Dr. Marco Polo promovera uma mudança em sua vida: “Júlia, se você não deixar de ser espectadora passiva de sua doença psíquica, se não se tornar atriz principal do teatro da sua mente, perpetuará sua doença, mesmo se tratando.” Sob o impacto dessas palavras, ela compreendeu que alimentava sua doença. Tinha medo de errar, de falar “não” e de

expressar seu desejo e seu pensamento. Resolveu então deixar de ser vítima da própria história.

Júlia deu assim um salto enorme em sua qualidade de vida, perceptível para todos os colegas. Rompeu com um namorado que a humilhava, agredia e controlava. Tornou-se intrépida, bem-humorada, e começou a escrever textos mais ousados para a revista. A visível mudança de Júlia motivou Elizabeth a procurar o terapeuta que tratara a amiga, embora alimentasse poucas esperanças de que ele pudesse fazer o mesmo por sua filha.

– Como corrigir meu relacionamento com Sarah, se ela me critica o tempo todo e, pior, se ela vive se punindo, não se ama, não ama a vida, não ama os amigos, enfim, parece não amar nada? Ela já se tratou com três psicólogos e foi acompanhada por dois psiquiatras. Nenhum desses tratamentos durou mais de um mês. Chegou a dizer que os psiquiatras são tolos, não entendem nada sobre ela. Sarah é muito resistente e insatisfeita. Reclama inclusive do sucesso, do assédio, dos elogios, dos prêmios que recebe. – Elizabeth suspirou desanimada. – Sinto-me incapaz de ajudá-la.

– Excelente! – exclamou Marco Polo, surpreendendo-a. – A melhor coisa para conhecer a caixa de segredos da personalidade de uma pessoa é reconhecer nossa impotência para abri-la e decifrar seus códigos. Deixe de lado o que você pensa que sabe sobre Sarah. Comece um novo capítulo na sua história com ela. Abra-se para novas possibilidades. Procure penetrar além da vitrine do comportamento dela.

– Entre mim e minha filha há uma grande montanha.

– Não tropeçamos nas grandes montanhas, mas nas pequenas pedras – disse poeticamente o pensador da psiquiatria.

Essas palavras deixaram a mãe extasiada e reflexiva. Elizabeth começou a perceber que os atritos e ofensas mútuas tinham início nas pequenas coisas. Mas logo em seguida entrou em algu-

mas zonas de conflito do seu inconsciente e novamente mostrou seu pessimismo.

– Minha filha já disse quatro vezes que me odeia – expressou com profunda tristeza e vergonha.

– O ódio é uma pedra bruta do território da emoção, que pode estar próxima ou infinitamente distante do amor – afirmou enfaticamente Marco Polo. – Dependendo do artesão que a lapida, ela se transforma na experiência mais sublime do amor.

As frases de Marco Polo desbloqueavam pouco a pouco a inteligência de Elizabeth. Ele irrigava seu ânimo e expandia sua visão sobre a vida, dando-lhe uma perspectiva multifocal. Ela voltou a falar dos conflitos de Sarah. A filha queria um padrão perfeito de beleza e por isso rejeitava algumas partes do seu corpo, odiando particularmente a anatomia de seu nariz. A belíssima modelo achava seu nariz monstruoso. Depois de anos de insistência, a mãe concordara que a filha fizesse cirurgia plástica com um cirurgião de confiança. Após a cirurgia, surpreendentemente, Sarah tinha entrado numa grave crise emocional e tentara o suicídio. Tomou todo tipo de remédio que encontrou pela frente.



Marco Polo não era apenas um psiquiatra que atendia seus pacientes no consultório. Era também um pesquisador da psiquiatria e da psicologia, um pensador da filosofia. Tinha uma visão ampla do ser humano. Escrevia artigos e livros sobre o caos da qualidade de vida das pessoas nas sociedades modernas.

Estava convicto de que o assassinato da autoestima de Sarah não era um caso isolado. Nos últimos anos, preocupava-se extremamente ao perceber que milhões de mulheres adultas, adolescentes e até crianças estavam infelizes com a imagem de seu corpo, viviam paranoicas em busca de um padrão de beleza inatingível.

O psiquiatra tinha plena consciência de que a autorrejeição encerrava o ser humano na mais profunda masmorra psíquica.

Para ele, os homens também estavam afundando cada vez mais nos pântanos de um falso ideal de beleza e, consequentemente, desenvolvendo uma série de transtornos psíquicos. O que mais intrigava Marco Polo era perceber que na geração atual estava ocorrendo o entristecimento coletivo da humanidade. A expectativa seria de que no século XXI – com o acesso à poderosíssima indústria do lazer que supervalorizava a imagem, como a televisão, o cinema, as revistas e a internet – as pessoas se tornassem as mais felizes que já pisaram no enigmático palco desta Terra. No entanto, elas pareciam cada vez mais infelizes, pois a emoção não reagia com uma alegria estável e intensa.

A era da imagem trouxe uma expansão da beleza estética em diversas áreas da atividade humana. Mas, na área da autoimagem e da imagem do ser humano diante do outro, provocou um estrago no inconsciente, fazendo com que grande parte das pessoas perdessem o senso da magia, da suavidade, da leveza do ser, do encanto pela vida, afetando drasticamente a saúde emocional e as relações sociais. Marco Polo pesquisava esse paradoxo e se perturbava com ele. Para tentar ajudar Elizabeth a superar seus conflitos com Sarah, ele falou em linguagem simples sobre o poder da imagem no processo da construção das relações humanas.

Comentou que nós nos relacionamos com os outros não pelo que são em si, mas pelas imagens deles arquivadas no subsolo de nossa personalidade, no inconsciente. As críticas, os atritos, as agressões, assim como os sentimentos de desconfiança, incompreensão e intolerância, construíaam sutilmente essas imagens nas janelas da memória. Explicou que são elas que ditam as regras da relação, que determinam se as pessoas agirão com gentileza e amabilidade ou impulsividade e irritabilidade umas com as outras. Duas pessoas encantadoras são capazes de viver em pé

de guerra se as imagens arquivadas no inconsciente delas forem péssimas. Além disso, acrescentou, não é possível apagar essas imagens, como nos computadores, apenas reeditá-las.

Em seguida, mostrou a Elizabeth alguns segredos para atingir o território inconsciente das pessoas com quem ela tinha conflitos, em especial o de Sarah. Disse que ela deveria começar conquistando a emoção de sua filha, e depois, sua razão. Se tentasse conquistar primeiro a razão, apontando os erros e as falhas de Sarah, teria grande chance de perpetuar os conflitos entre as duas. Era preciso explorar o solo da emoção da filha, surpreendendo-a nas pequenas coisas, falando o que nunca tivera coragem de falar, fazendo gestos nunca expressados. Deveria abraçá-la quando Sarah esperava uma repreensão, fazer um elogio quando esperava uma rejeição.

Recomendou que a famosa gerente editorial se humanizasse, saísse da sua postura de executiva e libertasse a sua criatividade para ser fotografada na psique de Sarah de maneira nova e afetiva. Não lhe deu regras, mas mostrou o caminho da sabedoria. Terminou sua exposição dizendo:

– A vida é um contrato de risco. Você pode conviver com milhares de animais de outra espécie e nunca ter problemas, mas, se conviver com um ser humano, por melhor que seja a relação, haverá problemas e decepções.

Com ousadia, completou:

– Todos falhamos, frustramos os outros e somos frustrados por eles. Todos estamos doentes em alguma área de nossas personalidades, uns mais, outros menos, inclusive os psiquiatras e psicólogos. A sabedoria não consiste em ser perfeito, mas em saber que não somos e ter habilidade de usar nossas imperfeições para compreender as limitações da vida e amadurecer. Não culpe Sarah, conquiste-a. Não se culpe, conquiste-se! Eu já desisti de ser perfeito, e você? Só uma pessoa incompleta precisa de novas conquistas.

A ilustre jornalista suspirou profundamente, relaxou os músculos da face e esboçou um sereno sorriso. Mergulhou na sabedoria do intrigante pensador. Pela primeira vez se desarmou e não se sentiu culpada pelos seus erros. Lembrou-se dos obstáculos que tinha enfrentado no início da carreira. Foi preciso lutar muito para materializar seus projetos e conquistar as pessoas. Agora tinha outro grande desafio: sair da rotina, reconstruir uma relação dilacerada e conquistar a quase inconquistável Sarah.

CONHEÇA OS LIVROS DE AUGUSTO CURY

FICÇÃO

Coleção *O homem mais inteligente da história*

O homem mais inteligente da história

O homem mais feliz da história

O maior líder da história

O médico da emoção

O futuro da humanidade

A ditadura da beleza e a revolução das mulheres

Armadilhas da mente

NÃO FICÇÃO

Coleção *Análise da inteligência de Cristo*

O Mestre dos Mestres

O Mestre da Sensibilidade

O Mestre da Vida

O Mestre do Amor

O Mestre Inesquecível

Nunca desista de seus sonhos

Você é insubstituível

O código da inteligência

Os segredos do Pai-Nosso

A sabedoria nossa de cada dia

Revolucione sua qualidade de vida

Pais brilhantes, professores fascinantes

Dez leis para ser feliz

Seja líder de si mesmo

Gerencie suas emoções

sextante.com.br

